



## A automedicação em estudantes de medicina: uma revisão sistemática

Isabella Matos Medeiros<sup>1\*</sup>, Bruno Rosa de Araújo<sup>1</sup>, Luis Fernando Borja Gomez<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Discente da Universidade Federal do Acre, Curso de Medicina, Rio Branco, Acre, Brasil, <sup>2</sup> Professor da Universidade Federal do Acre, Centro de Ciências da Saúde e do Desporto, Rio Branco, Acre, Brasil.

\*[isabellamatoa00@hotmail.com](mailto:isabellamatoa00@hotmail.com)

Recebido em: 01/11/2022

Aceito em: 03/12/2022

Publicado em: 30/12/2022

DOI: <https://doi.org/10.29327/269504.4.2-20>

### RESUMO

A automedicação é um problema de saúde pública, definida como a seleção e uso de medicamentos para tratar sintomas e doenças autorreferidas sem o aconselhamento do profissional de saúde qualificado para determinada função. Essa prática possui riscos inerentes e ocasiona graves consequências à saúde. Trata-se de uma revisão sistemática, descritiva, analítica e reflexiva. Foram utilizados os descritores 'Automedicação' e 'Estudantes'. Dos 505 artigos encontrados, foram selecionados ao final 11. Foram estudados ao todo 3 294 estudantes de medicina, com leve predominância do sexo feminino, idade menor do que 25 anos e renda superior à 10 salários mínimos. Entre os principais sintomas motivadores, foram relatados cefaleia, sintomas gripais e mialgia. Os principais medicamentos utilizados foram analgésicos e anti-inflamatórios não esteroidais. Houve maior prevalência de automedicação no curso de medicina com o avançar do curso. Os principais fármacos utilizados foram aqueles que não necessitam de prescrição médica para serem comprados. Os principais efeitos adversos foram náuseas, vômitos e tontura.

**Palavras-chave:** Automedicação. Estudantes. Medicina.

## The medical students' self-medication: a systematic review

### ABSTRACT

Self-medication is a public health problem, defined as the selection and use of drugs to treat symptoms and self-reported diseases without the advice of a health professional qualified for a particular function. This practice has inherent risks and causes serious health consequences. This is a systematic, descriptive, analytical and reflective review. The descriptors 'Self-medication' and 'Students' were used. Of the 505 articles found, 11 were selected at the end. A total of 3,294 medical students were studied, with a slight predominance of females, aged less than 25 years and income greater than 10 minimum wages. motivators, headache, flu-like symptoms and myalgia were reported. The main drugs used were analgesics and non-steroidal anti-inflammatory drugs. There was a higher prevalence of self-medication in the medical course as the course progressed. The main drugs used were those that do not require a medical prescription to be purchased. The main adverse effects were nausea, vomiting and dizziness.

**Keywords:** Self-medication. Students. Medicine.

## INTRODUÇÃO

A automedicação é um problema de saúde pública, que está direta e indiretamente influenciada por fatores econômicos, culturais e políticos (SILVA JÚNIOR, 2015). Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a automedicação é a seleção e uso de medicamentos para tratar sintomas e doenças autorreferidas sem o aconselhamento do profissional de saúde qualificado para determinada função.

Segundo Ferreira (2019), os maiores adeptos da automedicação são os que dispõem de maior grau de informação. Logo, o acúmulo de conhecimento, seja adquirido nas instituições educacionais ou em experiências da vida, gera maior confiança naqueles que se automedicam (VILARINO, 1998).

No Brasil, segundo a Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (ABIFARMA), anualmente cerca de 20.000 pessoas morrem vítimas da automedicação (CASTRO, 2006; HAAK, 1988; VILARINO, 1998; CASA GRANDE et al., 2004). Estudos concluem que os maiores adeptos da automedicação são aqueles que dispõem de um maior grau de informação (FERREIRA, 2019).

A automedicação possui riscos inerentes e ocasiona graves consequências à saúde individual e coletiva da população. Vários fatores induzem a prática da automedicação, como a venda indiscriminada de medicamentos, especialmente em razão das dificuldades de acesso ao sistema de saúde e custos de planos e consultas médicas (WHO, 1998).

Esse fenômeno é potencialmente nocivo à saúde, pois nenhum medicamento é inócuo ao organismo. O uso indevido de substâncias pode acarretar diversas consequências como reações de hipersensibilidade, dependência, sangramento digestivo, sintomas de retirada e ainda aumentar o risco para determinadas neoplasias. Além disso, o alívio momentâneo dos sintomas encobre a doença de base que passa despercebida e pode, assim, progredir (VILARINO, 1998 apud BESTANE, 1980; LOPEZ; KROEGER, 1994; MINATTI-HANNUCH et al., 1992; MORATO et al., 1984; NITSCHKE, 1981; PAULO; ZANINE, 1988; ROBINSON, 1993; SAEED, 1988; SOIBELMAN, 1986).

Essa prática ainda é vista como a primeira escolha no alívio de sintomas, como cefaleias e dores musculares (NICOLETTI, 2015). Tal situação é corroborada pela forma de aquisição simples desses medicamentos (MIRANDA, 2013 apud SILVA, 2002), sendo várias as vias de aquisição: adquirir sem receita, compartilhamento por membros da família ou do círculo social, sobras de prescrições e descumprir a prescrição profissional,

prolongando ou interrompendo, precocemente, a posologia prescrita receita (ARRAIS et al., 1997; BECKERLEG et al., 1999; SEGALL, 1990).

Segundo Schuelter-Trevisol (2011), problemas de saúde mental e questões de ordem psiquiátrica podem estar relacionados ao uso de medicamentos sem prescrição médica. Somado a isso, são fatores importantes que o autor, ainda, destaca: elevada carga horária do curso de medicina, maior acesso à informação médica, valor cobrado por consultas particulares. Tais situações influenciam os estudantes a se automedicarem no lugar de procurarem por atendimento especializado.

Dessa forma, a presente revisão sistemática tem como objetivo investigar o cenário epidemiológico e as classes de medicamentos mais utilizados entre os estudantes de medicina sem prescrição médica.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma revisão sistemática, descritiva, analítica e reflexiva. O levantamento dos dados foi realizado por meio de pesquisa de busca: ‘Automedicação AND estudantes’. A busca foi realizada nas plataformas Biblioteca Virtual de Saúde (BVS - <https://bvsalud.org>), Ministérios da Saúde/Periódico CAPES (<https://www-periodicos-capes-gov-br.ez12.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscaador-primo.html>), Revista de Medicina São Paulo (online) (<https://www.revistas.usp.br/revistadc>) e Scielo (<https://www.scielo.br>). Foram incluídas publicações em português, a partir de estudos feitos no Brasil com o tema ‘automedicação’ e publicados no período entre 2010 e 2021. Foram excluídos todos os trabalhos que utilizaram dados secundários e anteriores ao ano de 2010.

O presente projeto foi realizado segundo os preceitos da Declaração de Helsinque e do Código de Nuremberg, respeitando as Normas de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos, de acordo com a resolução nº 466 do Conselho Nacional de Saúde (2012).

Ao todo, foram encontrados 505 artigos. Desses, o resumo foi lido em 74 publicações. Inicialmente, foram selecionados para leitura na íntegra 21 trabalhos, dos quais 11 foram selecionados para comporem essa revisão sistemática (Quadro 1).

**Quadro 1** – Esquema de seleção dos artigos para a revisão sistemática.

Bases de Dados/Periódicos			
BVS	Periódico CAPES	Revista de Medicina São Paulo	Scielo
↓			
Publicações encontradas			
288	152	54	11
↓			
Resumos lidos			
68	4	1	1
↓			
Trabalhos selecionados para leitura na íntegra			
15	4	1	1
↓			
Artigos incluídos na revisão sistemática			
8	1	1	1

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao todo, foram estudados 3.294 estudantes de medicina. Foi observada uma predominância singela de mulheres e idade inferior a 25 anos nas populações estudadas. Há maior quantidade de solteiros, sem curso superior prévio iniciado ou concluído, com convênio médico (quando questionados) e renda familiar superior a 10 salários mínimos. Os principais dados obtidos estão apresentados na Tabela 1, a seguir:

**Tabela 1** – Artigos analisados na revisão sistemática.

PRIMEIRO AUTOR	ANO	AMOSTRA	PRINCIPAIS ACHADOS
<i>Silva</i>	2011	697	93,11% dos acadêmicos se automedicam. 94,55% dos estudantes de medicina se automedicam. 78,18% afirmam ler a bula antes do uso de medicações. Sintomas mais comuns: resfriado/gripe, febre e cefaleia. Principais classes medicamentosas utilizadas: analgésicos, antitérmicos e anti-inflamatórios.

---

			<p>Maior predominância entre as mulheres e com aconselhamento de farmacêuticos e balconistas, de terceiros, instruções da bula e conhecimentos adquiridos na faculdade.</p>
<i>De Moraes</i>	2019	148	<p>Maior frequência entre os alunos do terceiro e quarto anos. Significância estatística para mulheres que se automedicavam. Pouco mais de 1/3 dos alunos indicariam o medicamento para terceiros. Principais classes medicamentosas utilizadas: analgésicos, anti-inflamatórios, antiácidos e psicotrópicos. Metade dos estudantes relataram continuarem a prática. Quase todos apresentaram ciência dos riscos da prática indevida.</p>
<i>Silva</i>	2012	200	<p>Maioria do sexo feminino, com idade média de 21,5 anos. Alto índice de automedicação nos quatro anos iniciais do curso. Cerca de 2/3 dos alunos recomendaram medicamentos para terceiros. Principais classes medicamentosas utilizadas: analgésicos e antitérmicos, anti-inflamatórios não esteroidais, antigripais, descongestionantes nasais e antibióticos. A taxa de automedicação foi superior às médias nacionais e internacionais estudadas em outros artigos.</p>
<i>Schuelter-Trevisol</i>	2011	160	<p>Automedicação relatada em 3/4 dos participantes. Foram identificados os fatores de risco: cursar medicina, ser filho de profissional de saúde, ter convênio médico e renda familiar superior à 10 salários mínimos. A automedicação é maior entre as pessoas leigas.</p>
<i>Pilger</i>	2016	609	<p>Altíssima taxa de automedicação entre acadêmicos de medicina. Mais comum em mulheres e com frequência de uso crescente com o decorrer do curso. Principais classes medicamentosas utilizadas: Analgésicos, AINEs e antitérmicos.</p>
<i>Do Nascimento</i>	2019	284	<p>A quase totalidade dos participantes relataram já ter feito uso de medicamento sem prescrição médica.</p>
<i>Pismel</i>	2021	104	<p>A maioria dos participantes já se automedicaram, tendo a maioria significativa buscado aconselhamento com parentes, conhecimentos prévios, consulta na internet e instruções da bula. A média de medicamentos utilizados foi de 2 a 3. Principais classes medicamentosas utilizadas: analgésicos e antitérmicos.</p>

---

<i>Lázaro</i>	2020	158	Prevalência da automedicação foi elevada em 6 meses (88%). Principais classes medicamentosas utilizadas: analgésicos, relaxantes musculares, anti-inflamatórios, corticoesteroides e antibióticos. Também foram relatados com frequência anti-alérgicos e descongestionantes nasais. A automedicação se intensifica em períodos de estresse como provas e trabalhos. Cerca de 20% da amostra não possuem esclarecimentos acerca dos riscos inerentes da automedicação. 13% dos alunos já procuraram ajuda em relação à automedicação.
<i>De Brito</i>	2021	315	92,7% dos estudantes analisados se automedicaram nos últimos 12 meses e 100% dos alunos já se automedicaram ao menos uma vez na vida. Principais classes medicamentosas utilizadas: analgésicos e AINEs. Somente 33% relataram não terem sido influenciados na prática ao ingressar na graduação.
<i>Do Amaral Tognoli</i>	2019	320	96,6% dos participantes realizam automedicação. A maioria dos que relataram foram: mulheres, com idade entre 21 e 23 anos, solteiros, sem curso superior prévio, com convênio médico e consciência dos riscos à saúde dessa prática. Os quadros clínicos mais comuns relatados previamente à automedicação incluíram cefaleia e mialgia. São fatores que se relacionam à automedicação: período mais avançado no curso e possuir convênio médico.
<i>Fonseca</i>	2010	299	97% da amostra realiza automedicação. Há maior prática com o avançar dos períodos no curso, do primeiro ao quarto ano. O principal sintoma relatado prévio à prática foi cefaleia. Principais classes medicamentosas utilizadas: analgésicos e AINEs. Quase metade dos participantes se automedicaram entre duas e quatro vezes em 01 ano.

---

AINEs: anti-inflamatórios não esteroidais.

Entre os sintomas relatados, cefaleia, sintomas gripais e mialgia foram os principais motivadores para a realização da automedicação. As principais classes medicamentosas utilizadas foram: analgésicos e anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs). Outras classes de medicamentos citados foram: anti-alérgicos, descongestionantes nasais, antitérmicos e antibióticos.

Com exceção dos estudos realizado por Pilger et al., (2016) e Pismel et al., (2021), os demais estudos desta revisão que analisaram esta variável constataram que as amostras eram predominantemente constituídas pelo sexo Feminino (SILVA, 2011; DE BRITO, 2021; DE MORAES, 2018). A população do estudo era composta por 59% do sexo

masculino, diferindo dos demais estudos encontrados, todavia para automedicação foi encontrado que a maior prevalência estava presente no sexo feminino (92.5%), enquanto o masculino apresentava 87,5% (PILGER, 2016). Após análise dos dados de 217 participantes houve maior prevalência do sexo feminino 63,6% nos cursos de engenharia e saúde, essa predominância também pode ser observada em cursos como pedagogia e direito (BRUM, 2017; SOUZA, 2015).

Sobre o curso de medicina e direito, foi publicado em 2011 uma pesquisa que afirma a maior prevalência da automedicação foi observada no curso de medicina, em concordância com o que havia sido analisado, a automedicação também ocorreu nos cursos de administração, farmácia, engenharia mecânica e enfermagem, neles foi concluído que apenas 47,15% fizeram uso de medicamento sem prescrição (SCHUELTER-TREVISOL, 2011; LOPES, 2017). Procurar quais remédios tomar requer uma busca por informações, no curso de medicina a maioria dos estudantes afirmaram ter usado conhecimentos anteriores adquiridos na faculdade para exercer essa prática, enquanto no curso de farmácia foi consultado principalmente a bula (SILVA, 2011). Na cidade de Ribeirão Preto, São Paulo, foram examinadas duas amostras populacionais de dois diferentes locais da zona urbana, diferentemente da busca por informações realizada por universitários sua automedicação foi orientada principalmente (40,2%) pelo círculo familiar (CHIAROTI, 2010).

Extremamente prevalente no curso de medicina, a automedicação descrita nos estudos analisados nesta revisão teve o máximo 98,6% e mínimo de 88%, respectivamente (DO NASCIMENTO, 2019; LÁSARO, 2020). Em Pernambuco foi realizado um estudo com idosos que visava prever a automedicação no município de Salgueiro, nele 60% dos idosos entrevistados adotavam essa prática (SÁ, 2007). Corroborando com a hipótese de que os acadêmicos de medicina têm uma prevalência mais alta que outros grupos quanto ao tema de automedicação, foi analisado ainda um estudo realizado com estudantes de Enfermagem do Estado do Amazonas que mostrou uma prevalência de 76% da prática da automedicação (DE MORAES ALESSANDRINIA, 2019).

Cerca de 97,1% da amostra afirmou que praticava automedicação principalmente por comodidade e praticidade, diante desse dado é importante entender se durante o curso de medicina os alunos aumentam ou reduzem esse hábito (DO NASCIMENTO, 2019). No curso de medicina foi constatado que na maioria dos estudos os pacientes passaram a

se automedicar com mais frequência em relação ao ciclo básico, no entanto houve um estudo no qual ocorreu o oposto com valores significativos onde foi passado de uma prevalência 56,4% para 13,2% durante o internato, um fato significativo a se relatar é que a prevalência de automedicação já inicia baixa no ciclo básico em relação as demais (DE BRITO, 2021; DE MORAES, 2018; SILVA, 2012; PILGER, 2016). É necessário estudar de forma mais profunda esse aspecto da distribuição desta prática para poder associá-la com outros fatores, em contraponto com o pesquisado até o momento a Faculdade de Medicina de Marília afirma que não há uma diferença significativa entre os acadêmicos dos diferentes períodos (MASSON, 2012).

Como principal sintoma para o uso de medicações sem consulta de profissional adequado e receita médica o primeiro e mais relatado foi a cefaleia, seguido de febre, dor, tosse, insônia e problemas gastrointestinais (DE BRITO, 2021; DE MORAES, 2018; LÁSARO, 2020). No período de julho a agosto de 2006 em Juiz de Fora foram entrevistadas pessoas buscando o sintoma mais comum que elas tratavam com automedicação e assim como os estudos analisados na revisão dor, tosse e febre ganharam destaque (FERRAZ, 2008). Ademais, cefaleia, tosse e febre de forma semelhante ao analisado nos acadêmicos de medicina foram os sintomas mais tratados com automedicação no curso de enfermagem (XAVIER, 2021).

Os fármacos mais utilizados foram aqueles que não é preciso prescrição médica para serem comprados: analgésicos, antitérmicos, anti-inflamatórios, antiácidos e relaxante muscular, mas cabe a observação que os antibióticos foram listados como medicamentos que eram tomados sem prescrição (SILVA, 2011; DO AMARAL TOGNOLI, 2019; DE BRITO, 2021). Analgésicos simples e anti-inflamatórios foram os mais prevalentes na análise de 283 estudantes dos cursos de medicina e enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, esse artigo corrobora com os achados dos artigos encontrados na revisão (MARTINEZ, 2014). Em um estudo realizado na população através das redes sociais foi observado que em primeiro lugar os analgésicos e antitérmicos (29,3%) permaneceram, todavia, os antialérgicos diferentemente do descrito com a população universitária apareceram em segundo lugar como prevalência de automedicação (FILLER, 2020).

No curso de medicina e direito 20,7% das pessoas que praticaram o consumo de medicação sem aconselhamento médico tiveram efeitos adversos, no grupo de acadêmicos apenas de medicina em outro estudo a porcentagem de alunos que tiveram

esses efeitos foi maior 27,6% com predomínio de náuseas, vômitos e tontura (SCHUELTER-TREVISOL, 2011; DE MORAES, 2018). No curso de medicina, odontologia e enfermagem da Universidade Estadual do Amazonas os acadêmicos apresentaram uma taxa mais baixa dessas complicações provenientes da medicação, sendo de apenas 8%, os principais também diferiram dos demais estudos analisados cefaleia (29%) e insônia (23%) (IURAS, 2016). Mal-estar e vômito foram as reações adversas mais encontradas nos cursos de enfermagem e administração, o que demonstra a alta prevalência desses efeitos embasando ainda mais os resultados encontrados (ABRAÃO, 2009).

## CONCLUSÃO

Na maioria dos estudos a população amostral era em sua maioria do sexo feminino, a maior prevalência da automedicação foi observada no curso de medicina, o valor máximo foi de 98,6% e mínimo de 88%. Cerca de 97,1% da amostra segundo os artigos analisados praticava automedicação principalmente por comodidade e praticidade. No curso de medicina foi constatado que na maioria dos estudos os pacientes passaram a se automedicar com mais frequência com o avançar do curso em relação ao ciclo básico, como principal sintoma para o uso de medicações sem consulta de profissional adequado temos a cefaleia, seguido de febre, dor, tosse, insônia e problemas gastrointestinais.

Os fármacos mais utilizados foram aqueles que não é preciso prescrição médica para serem comprados: analgésicos, antitérmicos, anti-inflamatórios, antiácidos e relaxante muscular. Os principais efeitos adversos foram náuseas, vômitos e tontura, eles foram mais prevalentes em acadêmicos do curso de medicina. Nessa perspectiva é importante que novos estudos sejam feitos, visando identificar o predomínio da automedicação, os motivos pelos quais ela ocorre em cada universidade para assim poder implementar medidas de apoio ao estudante.

## REFERÊNCIAS

ABRAÃO, L. M.; SIMAS, J. M. M.; MIGUEL, T. L. B. Incidência da automedicação e uso indiscriminado de medicamentos entre jovens universitários. In: Simpósio de Educação 2. Encontro Científico do Unisalesiano, 2. 2009. Campo Grande. **Anais [...]**. Campo Grande: Salesiano, 2009.

BRUM, L. M.. **Avaliação da automedicação em universitários dos cursos da saúde e engenharia da Universidade de Santa Cruz do Sul**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Farmácia) – Universidade Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2017.

CHIAROTI, R.; REBELLO, N.; RESTINI, C. A automedicação na cidade de Ribeirão Preto–SP e o papel do farmacêutico nessa prática. **Enciclopédia Biosfera**, v. 6, n. 10, p. 1-8, 2010.

DE BRITO, M. C.; CASTILHO, C. T. Perfil da prática da automedicação por estudantes de medicina Overview of the practice of self-medication by medical students. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 5, p. 18862-18875, 2021.

DE MORAES A. L.; PAIM, R. S. P. Automedicação em acadêmicos de enfermagem: uma revisão de literatura. In: CONGRESSO DE PESQUISA E EXTENSÃO DA FSG 7., SALÃO DE EXTENSÃO, 5, 2009, Caixas do Sul. **Anais [...]**. Caixas do Sul: FSG, v. 7, n. 7, 2019.

DE MORAES, L. G. M. et al. Automedicação em acadêmicos de Medicina. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, v. 16, n. 3, p. 167-170, 2018.

DO AMARAL T., T.; TAVARES, V. O.; RAMOS, A. P. D.; BATIGALIA, F.; GODOY, J. M. P.; RAMOS, R. R. Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis–São Paulo. **Journal of Health & Biological Sciences**, v. 7, n. 4, p. 382-386, 2019.

DO NASCIMENTO, C. S.; ARAUJO. K. M. M.; GUSMÃO, D. B. M.; SOUZA, P. M.; SANTOS-JR. J. A. Avaliação da automedicação entre estudantes de medicina de uma instituição de ensino de Alagoas. **Revista de Medicina**, v. 98, n. 6, p. 367-373, 2019.

FERRAZ, S. T.; Grunewald, T.; Rocha, F. R. S.; Chehuen Neto, J. A.; Sirimarco, M. T. Comportamento de uma amostra da população urbana de Juiz de Fora–MG perante a automedicação. **Hu Revista**, v. 34, n. 3, p. 185-190, 2008.

FILLER, L. N.; ABREU, E. B.; SILVA, C. B.; SILVA, DF. Caracterização de uma amostra de jovens e adultos em relação à prática de automedicação. **Psicologia e Saúde em Debate**, v. 6, n. 2, p. 415-429, 2020.

FONSECA, F. I. R. M.; DIVITIS, R. A.; SMOKOU, A.; LASCANE, E.; CAVALHEIRO, R. A.; SILVA, A. M.; SANTOS, E. B. Frequência de automedicação entre acadêmicos de faculdade de medicina. **Diagnóstico e Tratamento**, v. 15, n. 2, p. 53-57, 2010.

IURAS, A.; MARQUES, A. A. F.; GARCIA, L. F. R.; SANTIAGO, M. B.; SANTANA, L. K. L. Prevalência da automedicação entre estudantes da Universidade do Estado do Amazonas (Brasil). **Revista Portuguesa de Estomatologia, Medicina Dentária e Cirurgia Maxilofacial**, v. 57, n. 2, p. 104-111, 2016.

LÁZARO, C. A.; GASPARINI, M. M.; MUNIZ, M. L.; MARTINS, C, D, M. Investigação sobre a automedicação dos estudantes do curso de medicina de uma Instituição de Ensino Superior. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 4, p. e90942836-e90942836, 2020.

LOPES, A. D. M.; DA MATA, L. C. C.. Automedicação entre graduandos das áreas de saúde e exatas da faculdade ciências da vida na cidade de sete lagoas/MG. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 5, n. 1, 2017.

MARTINEZ, J. E.; PEREIRA, G. A. F.; MARTINELLI, L. G.; NAVARO, L. G. N. Estudo da automedicação para dor musculoesquelética entre estudantes dos cursos de enfermagem e medicina da Pontifícia Universidade Católica–São Paulo. **Revista Brasileira de Reumatologia**, v. 54, p. 90-94, 2014.

MASSON, W.; FURTADO, P. L.; LAZARINI, C. A.; CONTERNO, L. O. Automedicação entre acadêmicos do curso de medicina da Faculdade de Medicina de Marília, São Paulo. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, v. 14, n. 4, P. 82-89, 2012.

PILGER, M. C.; DOMBROWSKI, G.; REBELO, M.; TOMASI, E. Automedicação entre acadêmicos de Medicina das Universidades Católica e Federal de Pelotas/RS. **Revista da AMRIGS**, v. 60, n. 1, P. 26-31, 2016.

PISMEL, L. S.; MONTALVÃO, W. C. R.; SILVA, A. R.; OLIVEIRA, N. P.; ARGENTINO, S. Avaliação da automedicação entre estudantes de medicina de uma universidade pública do sudeste do Pará. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 2, p. 5034-5050, 2021.

SÁ, M. B.; BARROS, J. A. C.; SÁ, M. P. B. de O. Automedicação em idosos na cidade de Salgueiro-PE. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 10, n. 1, p. 75-85, 2007.

SCHUELTER-TREVISOL, F.; TREVISOL, D. J.; JUNG, G. S.; JACOBOWSKI, B. Automedicação em universitários. **Revista Brasileira de Clínica Médica**, v. 9, n. 6, p. 414-17, 2011.

SILVA, R. C. G.; OLIVEIRA, T. M.; CASIMIRO, T. S.; VIEIRA, K. A. M.; TARDIVO, M. T.; FARIA-JR, M.; RESTINI, C. B. A. Automedicação em acadêmicos do curso de medicina. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 45, n. 1, p. 5-11, 2012.

SOUZA, M. A.; HOELLER, B.; GOETZ, E. R. Estudo comparativo da automedicação praticada por estudantes dos cursos das áreas de Ciências da Saúde, Humanas, Exatas e Sociais da Universidade do Planalto Catarinense–UNIPLAC. **Infarma: Ciências Farmacêuticas**, v. 27, n. 2, p. 142-8, 2015.

XAVIER, M. S.; CASTRO, H. N.; SOUZA, L. G. D.; OLIVEIRA, Y. S. L. Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, p. 225-240, 2021.